

Desigualdade de gênero na toponímia: um estudo exploratório

Gender inequality in toponymy: an exploratory study

*Márcia Sipavicius SEIDE**

*Bianca Nagai da SILVA***

RESUMO: O objetivo deste artigo é mostrar que a diferença entre os gêneros feminino e masculino também deixa suas marcas nos nomes de lugares. Para tanto foi constituída uma amostra de antrotopônimos na cidade de Marechal Cândido Rondon, localizada na região oeste do estado do Paraná. Para este estudo, foram analisados 4 antrotopônimos femininos extraídos de uma amostra que continha 61 topônimos constituídos por nome próprio de pessoa seguido ou não de um título. A análise procurou recuperar a história das mulheres homenageadas mediante pesquisa documental na biblioteca municipal, no acervo Memória Rondonense, em livros e artigos e também por entrevistas feitas a familiares das homenageadas. Por fim, esta pesquisa foi comparada com pesquisas anteriores desenvolvidas no estado do Paraná e no estado da Bahia cujos resultados convergiram com os desta pesquisa: em ambos os estados, há a invisibilização da figura feminina na escolha dos topônimos. Seria interessante realizar pesquisas mais amplas em nível nacional para que se saiba em que medida os

ABSTRACT: The purpose of this article is to show that the difference between feminine and masculine genres also leaves its mark on place names. For this purpose, a sample of anthrotoponyms was constituted in the city of Marechal Cândido Rondon located in the western region of the state of Paraná. For this study 4 female anthrotoponyms extracted from a sample containing 61 toponyms consisting of a person's own name followed or not by a title were analyzed. The analysis sought to recover the history of women honored through documentary research in the Municipal Library, in the "Rondonense" Memorial collection, in books and articles and also through interviews with the families of the honorees. Finally, this research was compared with previous researches developed in the state of Paraná and in the state of Bahia whose results converged with those of this research: in both states there is the invisibility of the female figure in the choice of toponyms. It would be interesting to carry out broader surveys at the national level to know to what extent the results found.

* Doutora em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2859-174>. marcia.seide@unioeste.br

** Graduanda do curso de Licenciatura em Letras, Português-Inglês da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9244-8958>. biancanagai@hotmail.com

resultados encontrados no Paraná e na Bahia também estão presentes no sistema toponímico de outras regiões do país.

PALAVRAS-CHAVE: Desigualdade de gênero. Toponomástica. Antrotoponímia.

KEYWORDS: Gender inequality. Toponomastics. Anthrotoponimy.

1 Introdução

Desde sua origem, a humanidade sempre dividiu homens e mulheres. Em seus primórdios, enquanto os homens caçavam e exploravam a terra, as mulheres cuidavam de suas crias. Milhões de anos depois, somos capazes de ver cenários semelhantes não só no ambiente familiar, mas também em ambientes profissionais e políticos. Ao nascer, já diferenciamos meninos e meninas com cores, roupas e adereços de cabelo. Quando crescem, meninos recebem brinquedos voltados à aventura, aos esportes e ao lazer, que são contextos que estão além do lar, enquanto as meninas são “presenteadas” com bonecas, panelinhas e kits de limpeza para zelar e cuidar de suas casinhas.

Embora tenha havido muitas mudanças na sociedade brasileira desde o período de colonização do Brasil em áreas como saúde, tecnologia, educação e infraestrutura, é possível verificar que persistem questões relativas à falta de equidade de gêneros e à vida cotidiana das mulheres.

A nível mundial, o *Global Gender Gap* de 2017, realizado pelo *World Economic Forum* (WEF), apresentou dados que mostram que, em média, serão necessários 100 anos para que haja equidade entre homens e mulheres. Segundo a pesquisa, a equidade está mais próxima nas áreas da saúde e educação, mas, no que se refere ao tratamento igualitário do ambiente de trabalho, serão necessários 217 anos para que mulheres recebam o mesmo que homens e sejam igualmente representadas em seu ambiente de trabalho (BBC, 2017).

Um estudo da *Human Rights Watch* revelou que, no Nepal, o casamento forçado funciona como um meio para se escapar da miséria e que, embora o ato seja proibido

no país desde 1963, a fiscalização é quase inexistente. De acordo com a pesquisa, “pais que não conseguem sustentar seus filhos buscam um marido para as meninas para que elas simplesmente possam ter algo para comer” (HUMAN RIGHTS WATCH, 2016).

No Myanmar, mulheres se casam para fugir da violência e abusos sexuais que a população feminina rohingya sofre, segundo o jornal *El País*. Durante entrevista publicada pelo jornal, um casal fruto de um casamento arranjado relata sobre o relacionamento. Para ele “é melhor casar com garotas jovens, porque assim não existe tanta diferença de idade com os filhos e elas podem cuidar deles a vida toda. As mulheres não precisam trabalhar, nós já lhes damos o que precisam, e em casa estão seguras”. A esposa, por sua vez, aguarda o marido sair para reconhecer: “sinto que vivo numa prisão. Nunca pudemos decidir por nós mesmas, embora queiramos. Temos que depender primeiro das decisões dos nossos pais, e depois dos nossos maridos. Vim aqui para ter oportunidades, mas na Malásia, mesmo que sonhemos, não temos futuro” (LÁZARO, 2016).

Embora se mencionem mais países da África e Ásia, quando se fala a respeito de casamentos arranjados na infância, há também ocorrências de casamentos infantil no Brasil, país que apresenta os mais elevados números absolutos de casamentos na infância da América Latina, segundo relatório publicado pelo Instituto Promundo, ONG relacionada às questões de gênero. Ainda de acordo com o relatório, os níveis de casamentos na infância são mais elevados no Pará e no Maranhão. Assim como nos casos do Nepal e Myanmar, recorre-se ao casamento de meninas infantis com homens adultos como forma de sobreviver e ter novas oportunidades (TAYLOR; LAURO; SEGUNDO; GREENE, 2015).

Os dados e os acontecimentos ora apontados são apenas uma das várias práticas às quais as mulheres são submetidas. É possível observar que há muito a ser feito e há uma longa jornada a ser trilhada para se chegar à equidade de gêneros. Conforme se mostrará ao longo deste artigo, a diferença entre os gêneros também deixa suas marcas

nos nomes de lugares, uma vez que a pesquisa ora apresentada mostra que mais homens que mulheres são homenageados quando se trata de nomear ruas com nomes de pessoas e, quando uma mulher é homenageada, o é por sua relação com alguma figura masculina e não por si mesma.

Este artigo está organizado em cinco seções. Após esta primeira seção de introdução, há a segunda seção que apresenta os fundamentos teóricos da pesquisa. A terceira seção do artigo descreve a metodologia adotada. A quarta seção apresenta os resultados da pesquisa. A quinta e última seção do artigo discute os resultados obtidos e faz algumas considerações: os resultados obtidos são comparados aos de pesquisas semelhantes e são feitas sugestões de pesquisa.

2 Pressupostos teóricos

O estudo de topônimos, isto é, dos nomes de lugares requer o desenvolvimento de pesquisas complexas, pois seu campo de estudo envolve História, Geografia, Linguística, Antropologia, Psicologia Social e, em muitos casos, Zoologia, Botânica e Arqueologia. Assim, a Toponímia deixou de ser um estudo sem relação com outras ciências e passou a ser uma disciplina que as abrange, pois “recebe, ao mesmo tempo que lhes fornece, subsídios preciosos para suas configurações teóricas” (DICK, 1986, p. 5).

Embora a disciplina tenha um papel universalístico, considerando sua presença em todos os campos do conhecimento, ela também é muito específica quando aplicada a um determinado espaço, que é habitado e construído pela humanidade e só se torna um lugar característico devido à ação do homem. Esse agir também inclui denominar coisas, seres e lugares. Os nomes atribuídos aos lugares “(...) se caracterizam, às vezes, por um “tom” bastante coloquial, que parece sugerir um envolvimento de toda a comunidade, tornando-se, assim, não apenas expressão de um único denominador mas de toda a população” (DICK, 1986, p. 6). Ao contrário dos substantivos comuns,

que recebem nomes de acordo com sua etimologia e significado, a escolha de nomes próprios ocorre por seu valor referencial, e por seu sentido conotativo, isto é, “o nome próprio (igual a topônimo e/ou antropônimo) não participa de um universo de significação porque é ‘opaco’, vazio de sentido, empregado sempre como referencial, sem relação com a primitiva etimologia,” (DICK, 1986, p. 15).

Não obstante sua opacidade, os nomes de lugares são parte integrante da língua a qual, como afirmam Andrade e Nunes

tem o papel de representar as práticas empregadas pelo homem: explicita as atitudes, conhecimentos, crenças, valores de determinado grupo de falantes. Essas práticas são expressivamente representadas pelo léxico, de modo que os grupos batizam os ambientes ao seu redor, revelando sua cosmovisão e o *modus vivendi* de seu grupo (ANDRADE; NUNES, 2016, p. 165).

Há muitas formas de dar nome aos lugares, nomeações que são vistas e classificadas de diferentes formas pelos estudiosos. A categoria que Seeman (2005) classifica como Antroponímia e Dick (1986) como sendo Antrotoponímia, foco deste estudo, refere-se aos nomes de lugares provenientes de pessoas ‘mas, na maioria das vezes, não recebe a atenção merecida por quem passa por ruas e lugares da cidade. A nomeação de lugares com nomes de pessoas frequentemente é vista como uma “distorção do trabalho dos vereadores” (DIAS, 2000, p. 103). No entanto,

Um olhar atento constata que esse processo é caracterizado pelo esforço de perenização da memória de personagens e fatos da história nacional ou local. Trata-se de recorrente forma de reprodução e perpetuação da chamada história oficial, baseada no culto à genealogia da nação e edificação do Estado nacional, assim como aos fatos e personagens correspondentes (DIAS, 2000, p. 103).

Com base nos estudos de Dick (1986), Seeman (2005) e Dias (2000), percebe-se que o ato de batismo dos lugares é o resultado de um processo marcado pelo momento

histórico em que se insere o designador, bem como por sua ideologia e por seus valores e, no caso específico da escolha por homenagear determinadas pessoas ao designar um lugar pelo seu nome, há a intenção de fazer com que o homenageado ou a homenageada seja para sempre lembrada.

A cultura e a identidade daqueles que nomeiam os lugares também deixam suas marcas na toponímia, conforme mostra análise dos topônimos do estado do estado da Bahia realizada por Prudente e Abbade. Sua pesquisa evidencia a existência de uma relação intrínseca entre os nomes de lugares e o “ambiente cultural em que estão inseridos” a qual “permite verificar os aspectos que envolvem a língua, a cultura e a identidade das regiões analisadas” (PRUDENTE; ABBADE, 2019, p. 219).

Partindo dos pressupostos ora apresentados, foi analisada uma amostra de antrotopônimo segundo a metodologia descrita a seguir.

3 Metodologia

Para o estudo apresentado neste artigo, foi utilizado um recorte de dados previamente coletados: uma amostra formada por 57 antrotopônimos e axiotopônimos coletados no *Guia Localizar*, no dia 5 de outubro de 2018, os quais são visualizados no Quadro 1.

Quadro 1 – Amostra de antrotopônimos do município de Marechal Cândido Rondon.

Rua Airton Senna	Rua Helmut Roesler
Rua Airton Jose Kerber	Rua Herbert Hanuch
Rua Albano Bertolini	Rua Ingrun Seyboth
Rua Almir Dalla Vecchia	Rua Isidoro Lorine
Rua Albino Hansen	Rua Jorge Alberto Guerreiro
Rua Alfredo Nied	Rua José Bonifácio
Rua Américo Vespúcio	Rua Juscelino Ribeiro
Rua Annita Trentini	Rua Lincon Leduc
Rua Arcelino Jose dos Santos	Rua Loni Lange
Rua Ari Branco da Rosa	Rua Luis Centenaro
Rua Ariel Ferreira dos Santos	Rua Marechal Deodoro

Rua Bertoldo Pottraz	Rua Matilde Cue
Rua Carlos Fietz	Rua Nilton Ricardo Lang
Rua Darlei G Bregoli	Rua Norberto Neumeister
Rua Deonato Schwab	Rua Olindo Artmann
Rua Dom João VI	Rua Osvaldo Heinrich
Rua Dom Pedro I	Rua Osvaldo Piovesan
Rua Dr. Seyboth	Rua Pastor Meyer
Rua Edvino Dorzbacher	Rua Presidente Costa e Silva
Rua Edwino Ohlweiler	Rua Presidente Eptácio
Rua Elario Arthur Wendpap	Rua Presidente Médici
Rua Eloi Lohann	Rua Professora Elly Wayhs
Rua Eloi Urnau	Rua Rinaldo Ludwing
Rua Francisco de Assis	Rua Rogerio Walter Grum
Rua General Rondon	Rua Rosalino Bellé
Rua Gernot Reuter	Rua Souza Naves
Rua Getúlio Vargas	Rua Tancredo Neves
Rua Graciliano Ramos	Rua Vinicius de Moraes
Rua Helmut Priesnitz	

Durante a coleta dos dados para constituição da amostra, chamou a atenção a discrepância entre a quantidade de nomes masculinos e a quantidade de nomes femininos homenageados: dos 57 homenageados apenas 4 são mulheres. Tendo isso em vista, para esta pesquisa, selecionamos os nomes de rua que homenageavam mulheres e procuramos investigar quais seriam suas prováveis causas denominativas.

Para investigá-las, dados foram coletados em imobiliárias, na prefeitura municipal, na biblioteca municipal, no acervo Memória Rondonense, em livros que relatavam os primeiros anos de desenvolvimento do município, no departamento de planejamento da cidade e em artigos publicados em jornais locais. Com esta pesquisa documental, investigamos a história das mulheres homenageadas e procuramos obter informações sobre a carreira, casamento, nascimento e morte delas.

Todos esses recursos foram valiosos para a pesquisa e permitiram que ela fosse realizada, contudo, mais informação foi conseguida via pesquisa de campo, mediante entrevista a amigos ou entes queridos da pessoa homenageada. Cumpre ressaltar que,

durante a pesquisa, não foram poucas as vezes que precisamos procurar pelo nome do marido, pai ou alguém da família para, enfim, encontrar alguma informação sobre a vida da mulher cujo nome era dado à alguma rua da cidade.

4 Resultados

Sobre o primeiro nome da lista, Ingrun Seyboth, encontramos informações no site, Memória Rondonense e no estudo de Meinerz (2013). Os dados coletados sobre Ingrun dizem respeito à idealização e à construção do primeiro hospital da vila General Rondon e à relação estreita entre sua família e o partido político criado por Adolf Hitler. Meinerz (2013) menciona os relatos de Ladislav Farago, escritor húngaro que veio ao Brasil em busca do nazista Martin Bormann e acabou encontrando, em Marechal Cândido Rondon, membros do partido nazista. Segundo Farago (1975 *apud* MEINERZ, 2013), Ingrun falava com orgulho de Hitler: “como era maravilhoso quando me pegava no colo e me acariciava afetuosamente, nosso Führer, o grande homem da história”.

Ao contrário do que ocorreu com a pesquisa relativa à vida de Ingrun Seyboth, cujo nome pode ser encontrado em artigos e relatos sobre o suposto partido nazista instalado no sul do Brasil, encontrar informações sobre Annita Trentini exigiu uma investigação mais minuciosa. Foi preciso entrar em contato com sua filha caçula, Margot Trentini, a qual foi entrevistada no dia 25 de março de 2019.

Durante a entrevista, Margot relata um pouco sobre a vida da mãe. Annita Trentini era filha de Willy Júlio Wasem e Amélia Wasem, casou-se com Guido Max, filho de Willy Carlos Trentini, primeiro cartorário do município e compositor do hino municipal, segundo o Memória Rondonense. A filha também menciona que a mãe trabalhou no Empório, antigo comércio da cidade, mas que, depois do nascimento dos filhos, dedicou a vida a eles. “Era uma mulher maravilhosa”, relembra Margot.

A procura pelo nome Matilde Cue também foi trabalhosa. Muitas são as especulações sobre a figura dessa mulher, contudo, há poucas informações concretas. Segundo Danilo Johann, funcionário público, Matilde Cue foi uma quilombola moradora da vila General Rondon em seus primeiros anos de desenvolvimento. Seu nome foi atribuído à uma sanga fundamental ao crescimento da cidade, pois a água do riacho abastecia olarias e serralherias da região. Matilde Cue também foi o nome de uma rua próxima à sanga, mas, após algumas décadas, foi substituído pelo nome de um vereador do município.

O último nome de nossa lista não é muito mencionado em artigos e livros. Encontramos o nome de Elly Wahys no site Memória Rondonense. Elly foi uma antiga professora do município e as poucas informações encontradas sobre ela estão relacionadas à família. Filha de Aloicius e Herta Mees, Elly se casou com Sigmar Wahys.

Os nomes e as respectivas informações conseguidas pela pesquisa de campo podem ser vistas no Quadro 2. Enquanto dois dos quatro nomes presentes na lista foram encontrados a partir de informações sobre a família, o pai ou o marido das mulheres (Annita Trentini e Professora Elly Wahys), os outros dois foram encontrados pelas histórias das mulheres que os portavam (Ingrun Seyboth e Matilde Cue), sendo que, esse último, teve a homenagem substituída pelo nome de um vereador do município.

Conforme mostram as informações do quadro, as figuras femininas foram homenageadas, em sua maioria, devido à sua relação com uma figura masculina de renome no município. Cumpre ressaltar que a dificuldade para encontrar a história das mulheres homenageadas era muito maior do que para encontrar a dos homens. Isso se dá, justamente, por sua homenagem ter sido feita por conta de que eram esposas, filhas, netas, noras ou irmãs, não por quem foram, pela carreira que construíram ou por sua contribuição para o desenvolvimento da cidade.

Quadro 2 – Informação sobre as mulheres homenageadas.

Nomes das ruas	Informações sobre a mulher homenageada
Ingrun Seyboth	Nascida no norte da Alemanha, veio para o Brasil em 1949; Casou-se com Friedrich Seyboth e teve cinco filhos; Ajudou na idealização e construção do primeiro hospital da cidade.
Annita Trentini	Filha de Willy Júlio Wasem e Amélia Wasem; Nora de Willy Carlos Trentini, compositor do Hino à General Rondon e primeiro cartorário do município; Casou-se com Guido Max Trentini e teve cinco filhos; Foi atropelada na rua Sete de Setembro e faleceu no dia 05/02/1992.
Matilde Cue	Pioneira quilombola; Dava nome à uma sanga que movimentava a economia da cidade; Teve o nome da rua substituído pelo nome de um vereador do município.
Professora Elly Wahys	Antiga professora do município; Filha dos pioneiros Aloicius e Herta Mees; Casou-se com Sigmar Wahys.

Fonte: elaborado por Seide (2010) e autoras.

5 Discussão dos resultados e considerações finais

Com exceção do topônimo que presta homenagem a uma professora, os demais nomes da amostra referenciam a figura feminina não por si mesma, mas pela relação que elas tinham com homens valorizados na região. Esse resultado está relacionado à desigualdade de gênero existente na sociedade e confirma pesquisas anteriores realizada no estado do Paraná (ALMEIDA, 1998; SEIDE, 2010).

Santos, ao pesquisar os nomes de bairro de Londrina, evidenciou que a maioria desses topônimos prestava homenagem a mulheres, contudo, de todos os nomes de município do estado, apenas 4 são formados por antropônimos femininos (ALMEIDA, 1998). Almeida informa que esses topônimos foram atribuídos na década de 1950 e ressalta que “a homenagem é feita principalmente ao elemento feminino da família do pioneiro, do colonizador – o que confirma a cultura e o preconceito do povo brasileiro”

(ALMEIDA, 1998, p. 5). Esse tipo de homenagem também foi observado em um nome de distrito no município de Marechal Cândido Rondon (SEIDE, 2010, p. 130).

Assim, as diferenças de escala dos topônimos paranaense analisados – nomes de município e nomes de bairros e de ruas – nas pesquisas mencionadas, os valores patriarcais da sociedade se revelam na escolha por homenagear mais homens que mulheres e de prestar homenagem a figuras femininas não por si mesmas, mas sim por sua relação com a figura masculina.

Os resultados de pesquisa sobre os antropotopônimos mencionados no romance *Bahia de Todos os Santos* de Jorge Amado convergem com os aqui apontados. De todos os nomes de ruas e de bairros citados na obra (108), 20% era formado por nomes de pessoas, contudo, desse conjunto apenas um nome faz homenagem a uma mulher, o topônimo *rua Norma Guimarães*. Essa homenagem, porém, é um pouco diferente das observadas na amostra de Marechal Cândido Rondon, pois ela foi feita tanto por Norma ser esposa de um médico conhecido quanto por seus próprios méritos: “O nome da rua, localizada no bairro do Chame-Chame próximo à Barra, presta homenagem à Norma Guimarães Sampaio, esposa do médico e pintor Mirabeau Sampaio. Ela era conhecida como uma nobre e caridosa mulher, que ajudava aos necessitados” (BRANDÃO; ABBADE, 2016, p. 322).

Outra pesquisa realizada no estado da Bahia também aponta para a pouca visibilidade da figura da mulher na toponímia. Dos 169 nomes de municípios pesquisados numa publicação do IBGE de 1958, a obra *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros* (EMB), seis estavam na categoria dos antropotopônimos e todos homenageiam figuras masculinas. Na categoria dos hagiopotônimos, os nomes masculinos também são maioria. Dos doze topônimos, apenas 3 fazem homenagem a santas: *Santa Inês*, *Santa Maria da Vitória* e *Santa Teresinha* (PRUDENTE; ABBADE, 2019, p. 229).

Seria interessante realizar pesquisas mais amplas a nível nacional para que se saiba em que medida os resultados encontrados no Paraná e na Bahia também estão presentes no sistema toponímico de outras regiões do Brasil, isto é, se e em que medida a desigualdade de gênero na toponímia caracteriza a toponímia brasileira e se há diferenças de grau entre as diferentes regiões do país no que diz respeito à invisibilização da figura feminina na escolha dos topônimos.

Referências

ALMEIDA, M. A. C. Os nomes de lugar e sua motivação cultural. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 1, p. 5-11, 1998. DOI <https://doi.org/10.5433/2237-4876.1998v1n1p05>.

ANDRADE, K. dos S.; NUNES, V. R. Cultura e identidade no estudo dos nomes de lugares. **Revista GTLex**, v. 1, n. 1, p. 164-183, 15 fev. 2016. DOI <https://doi.org/10.14393/Lex1-v1n1a2015-10>.

BBC. Women won't have equality for 100 years. 17 nov. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-41844875>. Acesso em: 11 jun. 2019.

BRANDÃO, A. dos S.; ABBADE, C. M. de S. Os antropotopônimos na Bahia de Todos os Santos: uma análise social e linguística. **Revista GTLex**, v. 1, n. 2, p. 312-325, 7 nov. 2016. DOI <https://doi.org/10.14393/Lex2-v1n2a2016-5>.

DIAS, R. B. A história além das placas: os nomes de ruas de Maringá (PR) e a memória histórica. **História & Ensino**, Londrina, n. 6, p. 103-120, 2000. DOI <https://doi.org/10.5433/2238-3018.2000v6n0p103>.

DICK, M. V. **Toponímia e antroponímia no Brasil**: Coletânea de estudos. Serviço de Artes Gráficas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1986.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Nepal**: casamento infantil ameaça futuro de meninas. 8 set. 2016. Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/news/2016/09/08/293938>. Acesso em: 25 maio de 2019.

LÁZARO, N. Quando um casamento arranjado é opção para fugir da violência sexual. **El País**. 16 maio de 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/27/internacional/1464344119_036676.html. Acesso em: 25 maio de 2019.

MEINERZ, M. E. O imaginário da formação do IV Reich na América Latina: o agente Erich Erdstein no Brasil. **História Unisinos**, v. 17, n. 2, p. 133-145, 2013. DOI <https://doi.org/10.4013/htu.2013.172.05>.

MEMÓRIA RONDONENSE. **Família Seyboth**: precursora na área médica em Marechal Cândido Rondon. 2015. Disponível em: <http://www.memoriarondonense.com.br/atualidades-single/familia-seyboth-precursora-na-area-medica-na-area-medica-em-marechal-candido-rondon/69/>.

Acesso em: 5 de abr. de 2019.

MEMÓRIA RONDONENSE. **Acervo de fotos e documentos de Willy Carlos Trentini**. 2017. Disponível em: <http://www.memoriarondonense.com.br/galeria-single/acervo-de-documentos-de-willy-carlos-trentini/9>. Acesso em: 06 abr. 2019.

PRUDENTE, C. M.; ABBADE, C. M. de S. Bahia de todos os cantos e recantos: marcas identitárias e culturais na toponímia da Bahia. **Revista GTLex**, v. 2, n. 2, p. 219-245, 3 jan. 2019. DOI <https://doi.org/10.14393/Lex4-v2n2a2017-2>.

SEEMANN, J. A toponímia como construção histórico-cultural: o exemplo dos municípios do estado do Ceará. **Revista Vivência**, n. 29, p. 207-224, 2005.

SEIDE, M. S. Nomes de lugares: o viés enunciativo e o viés onomástico. In: ISQUERDO, A. N.; BARROS, L. A. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, 2010. v. 5, p. 117-133.

TAYLOR, A. Y.; LAURO, G.; SEGUNDO, M.; GREENE, M. E. **“Ela vai no meu barco”**: Casamento na infância e adolescência no Brasil. Resultado de pesquisa de método misto. Rio de Janeiro e Washington D.C.: Instituto Promundo & Promundo -US, 2015. Disponível em: <https://promundo.org.br/recursos/ela-vai-no-meu-barco-casamento-na-infancia-e-adolescencia-no-brasil>. Acesso em: 25 maio 2019.

Artigo recebido em: 12.06.2019

Artigo aprovado em: 26.09.2019